



Militante

BOLETIM DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

O COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

APROVA UNÂNIMEMENTE A DECLARAÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS DOS PAÍSES SOCIALISTAS E O MANIFESTO DA PAZ DOS 64 PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS, REUNIDOS EM MOSCOVO

O Comité Central do Partido Comunista Português, após a sua última reunião a DECLARAÇÃO dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas e o MANIFESTO DA PAZ da Conferência dos representantes dos 64 Partidos Comunistas e Operários, reunidos em Moscovo por ocasião das festas comemorativas do 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

O Comité Central do Partido Comunista Português expressa a sua concordância unânime com estes importantes documentos.

A Declaração assinada pelas delegações dos Partidos Comunistas e Operários dos países do campo mundial do socialismo expressa a rica experiência acumulada pelos partidos irmãos, é um precioso guia para a acção e abre largas perspectivas ao caminhar dos povos para o socialismo — tendo em conta as peculiaridades próprias a cada povo e sem nunca perder de vista as leis gerais e os princípios marxistas-leninistas, que valem para todo o movimento operário internacional e para todos os países.

A identidade de pontos de vista dos Partidos Comunistas e Operários representados nessa conferência, expressa eloquentemente a vitalidade e força do movimento comunista internacional, é um testemunho vivo de internacionalismo proletário. É uma potente manifestação do internacionalismo proletário e presença de 64 delegações dos Partidos Comunistas e Operários, entre as quais estava a delegação do Partido Comunista Português, na celebração do 40.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, em Moscovo.

Ao contrário do que procuram fazer acreditar os propagandistas do capitalismo e do imperialismo, os Partidos Comunistas e Operários reforçam a sua acção de dia para dia, exercem cada vez mais um papel decisivo na marcha dos acontecimentos políticos nos seus respectivos países e à escala mundial.

A Declaração comprova a justeza das teses do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética que abriram novas perspectivas à aplicação criadora do marxismo pelos Partidos Comunistas e Operários irmãos. Elas foram uma preciosa contribuição para o trabalho dos comunistas portugueses. As conclusões e resoluções do V Congresso do nosso Partido foram iluminadas pela experiência do Partido Comunista da União Soviética e a sua justeza é agora confirmada pela Declaração dos Partidos Comunistas e Operários irmãos do campo socialista.

A Declaração torna bem evidente o avanço do Socialismo no mundo. O sistema socialista mundial, encabeçado gloriamente pela União Soviética tem a sua produção e cultura em pleno desenvolvimento, eleva de dia para dia o nível de vida dos povos, abre um futuro luminoso para toda a humanidade.

Como justamente se diz na Declaração, «em 40 anos o Socialismo provou que é um regime incomparavelmente superior ao capitalismo. Permite desenvolver as forças produtivas a ritmos desconhecidos e inacessíveis ao capitalismo, assegurar a elevação do nível de vida material e cultural dos trabalhadores. Os grandes sucessos da União Soviética no domínio da economia, da ciência e da técnica, os resultados obtidos pelos outros países socialistas na edificação do Socialismo, mostram, com evidência, a muito grande vitalidade do Socialismo. Nos Estados Socialistas, as massas trabalhadoras gozam de liberdades e de direitos democráticos verdadeiros, o poder popular realiza a uni-

dade política das massas populares, a igualdade e a amizade das nações, realiza uma política exterior de salvaguarda da Paz no mundo inteiro e ajuda as nações oprimidas na sua luta pela libertação. O sistema socialista mundial, que se ampliou e se consolidou exerce uma influência crescente sobre a situação internacional no interesse da Paz, do progresso e da liberdade dos povos».

Os 40 anos do sistema socialista na União Soviética, mostram a superioridade do regime Socialista sobre o capitalismo e são a certeza do triunfo da grande causa do Comunismo.

Por tudo isto, o apoio da classe operária e dos outros trabalhadores portugueses à União Soviética, à República Popular da China e a todos os países socialistas é da maior importância e contribui para enlarger e defender as históricas conquistas do Socialismo. Este apoio está ligado à salvaguarda da Paz e à conquista da Democracia e do Socialismo no nosso País. É da maior interesse para os trabalhadores e para todo o povo português, inclusive para a burguesia nacional, o estabelecimento de relações económicas, culturais e diplomáticas com a União Soviética e todos os países socialistas. A União Soviética e os outros países Socialistas baseiam sempre as suas relações com outros países na base da igualdade, na não intervenção nos problemas internos de cada país e no respeito mútuo. Relações deste tipo são favoráveis aos interesses nacionais e, por isso mesmo, desejáveis. A camarilha salazarista, a soldo dos imperialistas e da burguesia monopolista nacional e estrangeira, faz tudo para caluniar a União Soviética e os outros países socialistas, na intenção de iludir as massas e induzi-las em erro. O Partido Comunista Português fará tudo o que estiver ao seu alcance para esclarecer as massas sobre as realizações do campo socialista, opondo estas realizações à decadência do capitalismo, condenado a desaparecer.

O sistema imperialista desegrega-se e enfraquece. Nos últimos dez anos, além das populações da República Popular da China, da República Democrática do Viet Nam e da República Popular da Coreia, que enveredaram pela via do Socialismo, mais de 700 milhões de pessoas secundaram o jugo colonial e fundaram Estados nacionais soberanos.

As realizações, os êxitos e a consolidação do Socialismo, aliado à luta dos povos coloniais e semi-coloniais pela sua emancipação, acelera a desagregação do imperialismo e torna mais agudas as contradições dentro dos próprios países imperialistas. Como justamente é salientado na Declaração «a classe operária opõe-se cada vez mais resolutamente à política do imperialismo e dos monopolistas, luta pela melhoria das suas condições de vida, pela conquista dos direitos democráticos, pela Paz e o Socialismo».

O declínio do sistema capitalista é evidente. São sintomas deste declínio, a queda dos ritmos de crescimento da produção, o cada vez mais acentuado desequilíbrio das balanças comerciais e a redução das reservas de ouro e de divisas, sobretudo nos países do ocidente europeu e em particular em Portugal. Uma nova crise paira sobre a economia norte-americana e, por reflexo, sobre toda a economia capitalista. Apesar dos imperialistas americanos, para fugirem à crise, terem agravado a situação económica dos outros países capitalistas e de se terem lançado numa corrida aos armamentos, não conseguiram impedir essa crise.

Os capitalistas intensificam a exploração dos trabalhadores e dos povos coloniais, como se verifica em Portugal e nos colónias portuguesas. O grande capital monopolista do nosso País esforça-se cada vez mais claramente por ligar os interesses dos imperialistas norte-americanos aos seus próprios interesses, faz uma política de abdicção da soberania e independência nacionais e participa activamente em todas as manobras dos círculos imperialistas estrangeiros e dos fomentadores de uma nova guerra mundial.

As despesas militares e repressivas no nosso País orçamentadas para este ano, montam a cerca de 2 milhões e 500 mil contos, ou seja, cerca de 30 por cento do total das receitas do orçamento geral do Estado. Estas despesas anuais visam à preparação intensiva de uma nova guerra e à opressão dos povos de Portugal e das colónias. Elas impedem o fomento da economia e da cultura portuguesas, elas são uma das causas do atraso do nosso País. Só para manter as tropas destacadas na Índia gastam-se perto de mil contos por dia! A presença destas tropas em Goa, Damão e Diu onde já está a correr sangue português, é um factor de perturbação nas relações internacionais e de pressões políticas junto do governo da Índia — pressões que servem os interesses imperialistas norte-americanos e ingleses — e pode vir a ser a origem de um conflito militar de graves consequências para o nosso povo e para os outros povos.

As últimas duas guerras provocaram dezenas de milhões de mortes e custaram a toda a humanidade destruições e sofrimentos sem conta. Uma nova guerra mundial teria consequências bem mais terríveis para os povos. Se no momento actual uma nova guerra mundial fosse desencadeada — se os povos não a impedissem — traria consequências terríveis para o povo português. Calcula-se que a explosão de duas bombas de hidrogénio seria o bastante para destruir Portugal inteiro. A política salazarista de compromissos com as potências imperialistas permite a existência e instalação de bases militares ao serviço da NATO e dos militaristas norte-americanos em território nacional, torna possível a existência de depósitos de armas atómicas no nosso País, sujeita o povo português às consequências desastrosas da política externa do governo fascista de Salazar. Os novos compromissos assumidos na recente reunião da NATO, em Paris, pelo governo salazarista trazem novos perigos para o nosso povo por preverem a instalação no País das rampas de lançamento de projectéis atómicos, e a intensificação da corrida aos armamentos no nosso País.

Pelo contrário, uma política de neutralidade activa, isto é, de defesa da coexistência pacífica, de recusa de Portugal participar em qualquer bloco militar, de exigir, nas Nações Unidas, a aplicação de uma política de Paz no sentido de se pôr termo à guerra fria, prestigiaria internacionalmente o nosso País e salvaguardaria a existência pacífica do povo português cujas tradições têm sido sempre de amor à Paz.

Como se salienta na Declaração, a luta em defesa da Paz e pela coexistência pacífica é a tarefa fundamental da hora presente para todos os Partidos Comunistas e Operários que, com todas as forças amantes da Paz, farão tudo o que estiver ao seu alcance para impedir uma nova guerra. A Declaração e o Manifesto pela Paz demonstram-nos com exemplos bem vivos que as forças da Paz são mais poderosas que as dos fomentadores de guerra, demonstram-nos que é hoje possível conjurar a guerra, dada a nova correlação de forças no mundo, inteiramente favorável às forças do Socialismo e da Paz, demonstram-nos que é possível evitar uma catástrofe de efeitos terríveis para toda a humanidade. «A guerra não é inevitável, a guerra pode ser impedida, a Paz pode ser defendida e consolidada». Mas se, apesar de tudo, os imperialistas se atreverem a desencadear uma nova guerra a Declaração, numa solene advertência aos fomentadores de guerra, frisa ainda que o imperialismo assinaria a sua própria condenação, pois «os povos não tolerariam um regime que lhes traz tantos sofrimentos e sacrifícios».

Como se diz na Declaração e no Manifesto da Paz todas as forças amantes da Paz devem intensificar a luta pela cessação imediata das experiências com armas atómicas e termo-nucleares, pela proibição do fabrico e emprego das armas de destruição massiva, pelo desarmamento. Para o povo português, repetimos, a luta em defesa da Paz está ligada a uma política independente de coexistência pacífica

e de neutralidade activa. Precisamente porque a participação de Portugal no agressivo Pacto do Atlântico liga o País à política de aventuras militares dos imperialistas, o que pode trazer terríveis consequências para a nossa Pátria e o nosso povo, o povo português não deve permitir que o nosso País participe em qualquer bloco militar, deve lutar enérgicamente contra a existência de bases militares estrangeiras, depósitos de armas atómicas e a instalação de foguetões em território nacional e pela negociação pacífica em Goa.

*

*

*

A Declaração dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas sentia justamente que todas as contradições da sociedade capitalista se agudizam de dia para dia. Em Portugal o fascismo tornou particularmente agudas essas contradições, pois os interesses monopolistas do grande capital cada vez se chocam mais com os interesses de toda a camada da população laboriosa. O grande capital monopolista, que o governo de Salazar representa, é o principal responsável das crescentes e ruinosas despesas militares e consequente agravamento das condições de vida das classes trabalhadoras. É para servir os interesses desse grande capital monopolista que o governo de Salazar lança mão do terrorismo contra o povo português e, particularmente contra a classe operária, à qual retirou o direito à greve e às liberdades sindicais.

O grande capital monopolista nacional é o organizador e inspirador da entrega das matérias primas nacionais (urânio, petróleo, volfrâmio, bauxite, etc.) aos imperialistas estrangeiros, ele é o aliado das forças de agressão e da reacção internacional. As contradições e os choques entre o capital monopolista e a classe operária, são cada vez mais fortes bem assim como com todas as outras classes da sociedade capitalista: os camponeses, a grande massa de intelectuais e a pequena e média burguesia. Estes conflitos crescentes de interesses entre o grande capital monopolista e a população laboriosa portuguesa conduzem ao alargamento e fortalecimento da unidade anti-salazarista, tornam-na imperativa e impelirão as massas para a luta pela sua libertação.

A oposição de interesses das várias camadas da população laboriosa com o grande capital monopolista e a organização corporativa que o serve, provocaram uma nova correlação de forças no interior do país favorável à democracia.

O governo de Salazar colocou as colónias portuguesas ao serviço dos imperialistas estrangeiros e fomentadores de guerra e agudizou a exploração e opressão dos povos coloniais.

Os monopolistas procuram esmagar a luta dos povos das colónias portuguesas que lutam contra a exploração e pelos seus anseios de liberdade e independência.

O V Congresso do nosso Partido definiu claramente o princípio de auto-determinação dos povos coloniais subjugados pelos imperialistas portugueses, o seu direito a conquistar a sua independência económica e política.

O asfixiante domínio dos monopólios na vida económica da Nação; o problema do Mercado Comum Europeu; a crise das indústrias têxtil, da cortiça e das conservas; o défice da balança comercial; a crise na agricultura e em particular dos produtores de batata e de vinho; as novas restrições e a tentativa do corte das últimas liberdades associativas dos estudantes e profissionais liberais; a impopularidade crescente da censura, assim como o aumento da repressão são factores que levantam contra a camarilha governante e contra o grande capital monopolista novos e mais vastos sectores da nossa população.

A participação cada vez mais efectiva da classe operária e dos camponeses na luta política; o descontentamento crescente de novas camadas da população, inclusivamente da

burguesia nacional — que nalguns casos toma formas organizadas e tem dado lugar a movimentos e protestos — contra a acção dos monopólios e do seu governo, são uma demonstração clara da nova correlação de forças no país, trazem forças sociais que até agora não hostilizavam o regime, para o campo da oposição.

A possibilidade duma solução pacífica do problema político português implica a acção organizada das massas e a unidade das forças democráticas e anti-salazaristas. Os operários, os camponeses e outras classes laboriosas estão a desenvolver acções de massas como o comprovam as lutas travadas nas fábricas e noutros locais de trabalho, nos sindicatos e nos campos por milhares de trabalhadores na defesa dos seus interesses vitais, em defesa da Paz e pela conquista das liberdades democráticas.

Será o alargamento destas acções de massas que conduzirão à unidade das correntes democráticas e abrirão o caminho que conduz à solução do problema político português por meios pacíficos. Nos últimos tempos foram dados passos no terreno da unidade de acção como, por exemplo, na luta pela Amnistia, pelas liberdades democráticas, etc.. Há no entanto, certos sectores democráticos que resistem obstinadamente à unidade com o Partido Comunista e outras correntes democráticas da esquerda. Em vez de se apolarem no povo, procuram antes estabelecer alianças com elementos salazaristas dissidentes que apoiavam o regime, mas que hoje não concordam com certos actos da governação salazarista, embora continuem de acordo com os aspectos essenciais do regime.

Por isso mesmo esses democratas defenderam o abstencionismo na passada campanha eleitoral para deputados, e neste momento continuam a dificultar a apresentação dum candidato democrático para a Presidência da República.

A posição desses democratas causa profundos prejuízos à luta libertadora do povo português, não fortalece as forças democráticas, antes as enfraquece e as torna mais vulneráveis à repressão fascista. A solução do problema político português no sentido democrático implica obrigatoriamente a acção das massas, em particular da classe operária e do seu Partido — o Partido Comunista Português.

Será a intensificação da luta de classes, será a intensificação da luta da classe operária no campo económico e político e sob a direcção do seu Partido, o Partido Comunista, será o reforçamento da aliança da classe operária com as massas camponesas que tornará possível a solução do problema político português. As acções da classe operária e dos camponeses terão um poder de mobilização e atracção das outras camadas populacionais. É este o único caminho capaz de conduzir de forma consequente o povo à sua libertação do jugo salazarista.

O Comité Central do Partido Comunista Português sentia que é condição fundamental para se mobilizarem emplemas e constituir um largo movimento de unidade anti-salazarista, fortalecer e alargar a unidade da classe operária. Como justamente se sentia na Declaração

«As condições objectivas estão preenchidas para reagrupar sob a direcção da classe operária e do seu Partido revolucionário as camadas mais largas da população na luta pela Paz, pela defesa da independência nacional e das liberdades democráticas, pela melhoria das condições de vida dos trabalhadores, pela aplicação das reformas agrárias fundamentais, pelo derrubamento da dominação dos monopólios, traidores aos interesses nacionais».

*

*

*

A Declaração dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas lembra que a nossa concepção do mundo

e da história assenta no materialismo dialéctico, que só este nos pode dar uma compreensão realista e científica da evolução do mundo, dos povos e do pensamento humano.

Por outro lado, a Declaração salienta que para a defesa dos interesses da classe operária e das massas laboriosas, para se poder chegar ao socialismo, para se fortalecerem e alargarem os Partidos Comunistas e Operários, é indispensável a fidelidade inquebrantável aos princípios comprovados do marxismo-leninismo, o robustecimento do internacionalismo proletário.

Orientados pela bússola do marxismo-leninismo os povos do campo socialista libertaram-se para sempre do capitalismo e do imperialismo, fizeram frente ao cerco imperialista, e construíram vitórias ao Socialismo e o Comunismo. A defesa intransigente dos princípios leninistas do centralismo democrático sob condição básica da força e unidade interna dos Partidos Comunistas. É esta unidade e esta força que permite aos Partidos Comunistas dirigir e orientar as massas para o comunismo.

A fidelidade aos princípios do internacionalismo proletário é uma outra condição básica. O internacionalismo proletário arma os comunistas ante as manobras do inimigo, fortalece e une o movimento comunista em cada país e no mundo. A Conferência dos 64 Partidos Comunistas e Operários é um exemplo do reforçamento do internacionalismo proletário, operado no movimento comunista sobretudo após o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

Analisando a situação interna do Partido à luz dos ensinamentos contidos na Declaração, o Comité Central concluiu que o nosso Partido se mantém fiel aos princípios do internacionalismo proletário, mesmo nos momentos mais difíceis, como quando da justa condenação do culto de personalidade pelo XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, ou quando dos acontecimentos da Hungria. No entanto o Comité Central considera que se impõe intensificar o trabalho ideológico no seio do Partido, para que este possa enfrentar convenientemente toda a propaganda que a burguesia imperialista e o fascismo fazem para confundir as massas populares.

A luta intransigente e contínua contra o revisionismo e o oportunismo sob todas as suas formas, a luta contra o sectarismo e o dogmatismo são apresentadas na Declaração como um factor decisivo no movimento operário e comunista internacional.

No conjunto da actividade do nosso Partido o sectarismo e o dogmatismo continuam a manifestar-se e, por isso, precisamos de continuar a combater todas as suas manifestações. No entanto, o Comité Central lembra que o oportunismo de direita e o revisionismo, manifestações de ideologia burguesa que paralizam a energia revolucionária da classe operária e a colocam a reboque dos acontecimentos políticos, deixando a direcção destes entregue às forças burguesas, constituem um perigo contra o qual temos de estar vigilantes. Houve algumas manifestações de revisionismo no nosso Partido, que punham em causa os fundamentos leninistas do centralismo democrático, o papel dirigente

e a capacidade do Comité Central, bem assim como o internacionalismo proletário. O criticismo, lá onde ele surgiu, empurrou o trabalho do Partido, enfraqueceu a combatividade de alguns organismos, fez deles clubes de discussão estéril. O Comité Central tomou medidas para corrigir esta situação.

O Comité Central considera necessário que todas as organizações e militantes do Partido redobrem de esforços para procurarem alargar cada vez mais o seu contacto com as massas sem Partido. Nas lutas reivindicativas nas fábricas e nos sindicatos, nos campos, nas escolas e nos escritórios, na luta em defesa da Paz e pela salvaguarda da independência nacional, na luta pela conquista das liberdades democráticas, os comunistas têm de saber fundir a sua acção com a das massas, têm de mobilizar à sua volta o maior número possível de pessoas. Esta é a melhor forma de vencermos o sectarismo, de defendermos os quadros do Partido da repressão fascista e de robustecermos e alargarmos mais e mais a acção do Partido na vida nacional.

A Declaração dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas mostra-nos o caminho para podermos encabeçar com sucesso as massas populares, para unificarmos a acção da classe operária como principal guia e força organizadora das restantes classes laboriosas do País, para altermos os camponeses à classe operária, para atraírmos à luta contra o salazarismo e contra a tutela imperialista estrangeira, camadas diversas da burguesia não monopolista da cidade e do campo.

O Comité Central salienta a necessidade de esclarecermos o maior número possível de pessoas honradas sobre a acção do Partido Comunista e dos seus esforços porfiados, para unir a acção de todos os anti-salazaristas; a necessidade de darmos a conhecer a todas as pessoas honradas — em particular os operários e camponeses — o Programa do nosso Partido, que foi aprovado no V Congresso. O Programa do Partido contém as aspirações imediatas da classe operária, dos camponeses, de toda a população laboriosa e dos portugueses que desejam uma Pátria livre e independente. É tarefa dos comunistas ganhar as massas para o Programa do Partido, uni-las e mobilizá-las para a luta pela conquista dessas aspirações.

O Comité Central recomenda a todas as organizações e militantes do Partido a divulgação do Manifesto da Paz e o estudo atento e discussão colectiva da Declaração dos Partidos Comunistas e Operários dos países socialistas, pois esse estudo e discussão abrirão à sua acção revolucionária novos horizontes, ajudá-los-ão na sua luta abnegada em defesa dos interesses económicos das classes trabalhadoras na luta pela Paz e pela independência nacional, na luta pela conquista do socialismo.

Os comunistas portugueses olham o futuro com plena confiança.

A unidade e a luta da classe operária, a sua aliança com os camponeses assim como a acção coordenada de todas as outras forças democráticas e anti-salazaristas, conduzirão à libertação do povo português do domínio salazarista e abrem o caminho ao socialismo.

Fevereiro de 1958

O Comité Central do Partido Comunista Português

O MOMENTO POLÍTICO NACIONAL e as tarefas dos comunistas

Por LÍDIA

Para melhor compreendermos a orientação política do Partido traçada pelo seu V Congresso teremos necessariamente que procurar conhecer o processo político que se desenrola na sociedade portuguesa presentemente. O processo político desenrola-se no nosso País no meio das mais variadas e diferentes contradições. Interessa-nos pois saber quais são estas contradições e como as eliminar.

Para maior facilidade de compreensão vamos reduzi-las a 3:

1 — Contradição entre o imperialismo estrangeiro e o povo português;

2 — Contradição entre a burguesia e o proletariado;

3 — Contradição entre as forças salazaristas.

1. Começamos pela primeira — contradição entre o imperialismo estrangeiro e o povo português — que é a contradição principal, donde derivam os maiores prejuízos e danos para o nosso povo.

Com as principais fontes de riqueza nas mãos dos imperialistas estrangeiros ou dos monopólios nacionais a eles ligados, Portugal é presentemente um país semi-colonial, com o capitalismo nacional enfraquecido, com a economia nacional arruinada, com uma balança comercial deficitária em milhões de contos, sem indústria pesada e com uma agricultura atrasada de séculos.

Sujeito à dupla opressão e exploração do imperialismo estrangeiro e da grande burguesia monopolista a ela vendida, pelo governo que serve os interesses de um e doutro, o povo português é cada vez mais pobre, cada vez menos livre, privado de todos os direitos políticos e sociais.

É toda esta situação que determina um agravamento brutal da contradição que opõe de um lado, o imperialismo estrangeiro e seus agentes no nosso País — os governantes salazaristas — e de outro lado, a maioria esmagadora da população desejosa de liberdade e justiça. Esta contradição principal que mina a sociedade portuguesa contemporânea só se resolve através da luta encarniçada contra as forças que a mantêm e agravam no nosso País — o governo de Salazar.

E isto só é possível, como o Partido o tem repetidas vezes sublinhado, não através da acção isolada desta ou daquela classe, deste ou daquele, partido ou agrupamento político, mas sim pela acção de todo o povo unido num amplo movimento nacional anti-salazarista.

Quanto à segunda contradição acima enunciada — entre a burguesia e o proletariado no seio da nossa sociedade — ela agudiza-se sobretudo entre a grande burguesia que se ligou ao imperialismo estrangeiro e o proletariado, a vítima número um dessa aliança e que marcha na vanguarda da luta anti-imperialista. No que se refere à pequena e média burguesia da cidade e do campo, a despeito de os seus interesses se chocarem com os do proletariado, a verdade é que camadas cada vez maiores desta burguesia se chocam numa forma cada vez mais aberta com os interesses da oligarquia governante.

Por isto, camadas cada vez maiores da pequena e média burguesia da cidade e do campo se colocam numa forma cada vez mais aberta contra o fascismo e o seu governo e a favor da Liberdade e da Paz. E esta é uma condição para o alargamento do movimento anti-salazarista que cresce em todo o País.

A classe operária intensifica a sua luta patriótica e de classe contra a grande burguesia monopolista que traiu os interesses do povo vendendo-se ao estrangeiro. No que

respeita à burguesia nacional se bem que os seus interesses de classe e da classe operária se oponham claramente e ela tem neste momento como objectivo comum de luta a reconquista das liberdades democráticas, o que implica necessariamente o combate de ambas na mesma frente da luta contra monopólios, o imperialismo e os seus agentes no nosso País — o governo de Salazar.

As contradições entre as próprias forças salazaristas, que são até certo ponto o reflexo das contradições entre os próprios imperialistas na sua luta pelo domínio de certas esferas de influência, agravam-se não só na medida em que estas se agravam e em que a situação internacional se desenvolve a favor da Paz e da Democracia, como principalmente na medida em que o nosso povo intensifica a sua luta libertadora. O agravamento de tal contradição traduz-se na vinda até às fileiras do movimento popular anti-salazarista de pessoas que até há pouco defendiam o Estado Novo e sua orgânica, traduz-se no descontentamento crescente dentro das organizações e instituições governamentais, como o constatou o V Congresso do nosso Partido.

É fora de dúvida, pois, que interessa ao nosso povo o agravamento de tal contradição, que se verificará enquanto as forças salazaristas estiverem no poder.

O PERÍODO ELEITORAL

No período eleitoral que vamos viver, tal como em todos os momentos, estas realidades políticas devem estar bem presentes em cada um de nós para estarmos em condições de compreender todas as facetas da situação.

Vimos já que para a solução de qualquer das 3 contradições apontadas é indispensável intensificar a luta contra o imperialismo estrangeiro, a luta contra os seus agentes no nosso País — o governo de Salazar — e que só a substituição deste com uma modificação da actual situação política poderá trazer a independência, a liberdade e a democracia por que o nosso povo anseia.

A este desejo corresponde certamente a decisão das forças democráticas de apresentarem à próximas eleições para a Presidência da República um candidato democrata que esteja disposto a ir até à boca das urnas, a não admitir qualquer discriminação política entre as forças de oposição e a apresentar um programa mínimo, onde os portugueses vejam inscritos os seus mais prementes desejos e aspirações.

Foi nesta ordem de ideias ainda que decerto surgiu o nome do engenheiro Cunha Leal, como candidato à Presidência da República, visto tratar-se de um cidadão democrata, disposto a lutar e combater o governo de Salazar, como aliás o tem provado, e ainda disposto a combater os monopólios que como se sabe têm estreitas ligações com o imperialismo estrangeiro.

Apercebendo-se do perigo que podiam vir a correr as suas posições económicas no caso do povo conseguir impor a candidatura do engenheiro Cunha Leal, o imperialismo, através dos seus agentes no nosso País, actuou rapidamente no sentido de aprofundar algumas divergências de opiniões que existiam e existem entre as forças democráticas sobre a escolha do candidato e sobre o carácter do próprio movimento eleitoral.

É dentro deste plano que surge a notícia da possível candidatura oposicionista do general Humberto Delgado, homem da confiança do governo e do imperialismo americano, aos quais tem prestado e presta relevantes serviços,

com forma, dizem alguns democratas que apolam tal candidatura, de aprofundar as contradições aqui apontadas em terceiro lugar, isto é entre as forças salazaristas.

Esquece-se assim que a luta das massas, e só a luta, contra tais forças é susceptível de produzir o enfraquecimento daquelas forças e que a candidatura do general Humberto Delgado não iria aprofundar tais contradições mas sim ao encontro da solução dum problema que se coloca aos salazaristas e que é de como agir para impedir o fortalecimento da unidade democrática e das acções de massas. Trata-se pois de uma candidatura que vai aprofundar sim as divergências que podem existir ainda entre as forças da oposição.

TAREFAS INADIÁVEIS

Tudo isto coloca ante o nosso povo tarefas inadiáveis.

Cabe aos comunistas tomar na realização destas tarefas a parte mais activa e dinâmica, como elementos que são de vanguarda da luta popular anti-salazarista.

Em primeiro lugar, trata-se de chamar a esta luta nacional todas as camadas da população nela interessadas, sem qualquer distinção política, filosófica ou religiosa. Isto implica que nós comunistas demos o exemplo vivo, dando de lado todos o quaisquer ideais sectários sobre este assunto.

SOBRE O "CULTO DA PERSONALIDADE"

Por JOSÉ

O significado do culto da personalidade e por consequência da sua denúncia, uma das questões mais fecundas do XX Congresso do P.C.U.S., ainda não está suficientemente compreendido entre nós.

A CONCEPÇÃO IDEALISTA DA HISTÓRIA

A concepção idealista da história, que dominou inteiramente até ao aparecimento do Marxismo, caracteriza-se por atribuir um papel fundamental e determinante as personalidades, na evolução das sociedades humanas. Segundo esta concepção a evolução seria movida por ideias, aparecidas não se sabe bem como na cabeça de alguns «super-homens», que, ganhando a pouco e pouco a simpatia das massas, provocavam mudanças na estrutura das sociedades.

Excluídas as formas primitivas nas quais ainda não existe a propriedade privada, a sociedade assentou sempre na existência duma classe fortemente minoritária de «Senhores», cujo poder económico e político, nomeadamente o poder de Estado, servia para sujeitar outra classe, a grande maioria, que não possuindo bens, se via reduzida a trabalhar em proveito da primeira. Na sociedade por escravos, o senhor e os escravos; na sociedade feudal, o senhor feudal e os servos; na sociedade capitalista, o capitalista e os proletários. Entre as duas classes encontram-se vários elementos insubstituíveis que o desenvolvimento da própria sociedade obriga invariavelmente a passar, ora para a classe dominante, ora para a classe dominada. Estes elementos, que durante a escravatura eram constituídos especialmente por artífices e comerciantes, passaram na sociedade feudal a deter pequenas parcelas de propriedade e pequenas explorações, quer agrícolas, quer de artesanato e comerciais, e no declinar do feudalismo formavam a classe burguesa que breve tomaria conta do poder pela luta revolucionária. Os elementos intermédios serviram em todas as épocas para, em troca da benevolência da classe dominante, reforçar ainda mais o domínio da população. Em períodos de baixa revolucionária, encontram-se ligados à classe dominante, em períodos revolucionários, acolhem-se às fileiras da classe revolucionária.

Embora limitada, a análise permite compreender a formação do culto da personalidade e a origem da concepção idealista da história: dum lado os senhores, a classe dominante, as personalidades, do outro a grande massa dos escravos, dos trabalhadores, a classe dominada, e massa anónima e amorfa.

A CONCEPÇÃO MARXISTA DA HISTÓRIA

Há um século, apareceu o Marxismo, teoria do conhecimento,

Em segundo lugar, importa esclarecer, explicar sempre onde está o inimigo principal e as formas de o combater, não permitindo que as forças democráticas dispersem as suas energias como por vezes tem sucedido. Importa ainda ter sempre bem presente que só o governo de Salazar aproveita com as divergências que podem existir entre as forças democráticas sobre este ou aquele promenor, pelo que não devemos poupar esforços para lhe pôr fim.

Em terceiro lugar, impõe-se um sério esforço no sentido de organizar em amplas Comissões Eleitorais os cidadãos descontentes com a actual situação e capazes duma forma ou doutra de ajudar a luta para lhe pôr fim.

Em quarto lugar, a popularização dos vários tipos de luta — por aumentes de salários e ordenados, contra a vigilância, contra os monopólios, contra a censura, pela Amnistia — bom como das formas de as levar a cabo é indispensável para o alargamento da própria luta.

Em quinto lugar, unir todo o povo à volta do candidato à Presidência da República que for escolhido pelas forças democráticas.

Só assim se criarão as condições indispensáveis ao alargamento e desenvolvimento dum movimento popular eleitoral capaz de arrancar ao fascismo liberdades até hoje não alcançadas.

que baseado na análise de toda a experiência social passada, e firmemente ligado aos interesses da classe revolucionária, o proletariado, não só negou todas as concepções idealistas como pôde ultrapassá-las, iluminando com a verdade objectiva, científica, o estudo da história, permitindo deste modo esclarecer o processo da evolução social.

Para o Marxismo, as razões determinantes da evolução histórica são económicas, elas manifestam-se através das contradições entre as relações de produção e as forças produtivas existentes numa dada sociedade. Em cada etapa, a classe dominante procura manter as relações de produção, que, transformadas em leis e estruturadas politicamente, correspondem às formas de apropriação dos meios de produção e lhe permitem manter os seus privilégios; em contradição, as forças produtivas não cessam de alargar-se e aperfeiçoar-se, criando assim condições para novas formas de estrutura social. Com o agudizar desta contradição, entra-se numa fase revolucionária de desenvolvimento social, até que a classe dominada consiga impor, através do assalto ao poder político, as novas relações necessárias ao desenvolvimento das forças produtivas.

Em tudo isto qual o papel das personalidades? Deixam de ter qualquer importância? — Não. Simplesmente, de elementos considerados determinantes e imprescindíveis à evolução social, passem a ser produtos da própria sociedade em evolução. Elas correspondem à formulação racional das contradições e das soluções que a experiência social contém e apresenta, mas não esqueçamos, são um produto fatal da sociedade em evolução, e portanto, em vez de causas, consequências. Naturalmente, uma vez aparecidas, passam a actuar sobre as próprias situação que lhes deram origem, mas isto é um traço comum a todos os factores da evolução, não aumenta nem diminui a sua importância.

O CULTO DA PERSONALIDADE E A SOCIEDADE SOCIALISTA

Que significa pois eliminar o culto da personalidade? Significa, antes de tudo, repór na prática, em toda a sua extensão, os princípios do Marxismo-Leninismo.

Se foi na U.R.S.S., a primeira sociedade socialista, onde se colocou duma maneira prática a denúncia do culto da personalidade, isso significa precisamente que, pela primeira vez na história da humanidade, ele se encontrava em contradição viva com os princípios basilares da sociedade.

A sociedade socialista soviética, fundada na detenção do poder pelas mais largas camadas da população, a classe

operária em aliança com os camponeses, está por natureza em contradição com o culto da personalidade. Se essa herança do passado pôde manter-se e desenvolver-se durante algum tempo, foi graças a condições excepcionais ligadas à existência da U.R.S.S. como primeiro estado proletário do mundo, submetido aos ataques e ao cerco do capitalismo mundial.

Se foi na U.R.S.S., que o culto da personalidade foi na prática denunciado em toda a sua extensão, isso deve-se exactamente a que só em sociedade socialista ele aparece como entrave ao desenvolvimento de todas as forças que podem impulsionar para a frente a própria sociedade; ligá-lo só aos defeitos da pessoa de Stáline, seria regressar a uma concepção idealista da história, e da mesma forma, pensar que teria sido possível e alguns dirigentes do P.C.U.S., isolados da opinião das grandes massas do povo, eliminar a nasção o culto da personalidade de Stáline. Então porque se fez também nos defeitos de Stáline? — Porque as suas características pessoais contribuíram efectivamente para o desenvolvimento do culto da personalidade, mas devemos considerá-los como elementos acessórios, secundários, e menos que queiramos nós próprios voltar ao idealismo na história.

O facto do culto da personalidade ter surgido em viva contradição com a sociedade socialista soviética prova, que a eliminação de exploração do homem pelo homem, em todos os domínios, social, político e ideológico, foi conseguida.

Se fizéssemos um balanço às consequências do culto da personalidade, em sociedade capitalista, encontraríamos uma enorme quantidade de atropelos, injustiças e crimes, mas aí, todos esses atropelos, injustiças e crimes, não aparecem em contradição com as bases da sociedade, ao contrário, fazem parte integrante da sua própria estrutura.

O salazarismo é um exemplo marcante. Salazar mandatário político do Capital monopolista, representando dessa forma a fracção mais reacçãoária das fileiras do Estado Novo, dispõe como «Senhor». O seu poder, dentro do regime, é só limitado pelo interesse dos seus próprios patrões, estrangeiros e nacionais, representantes do capital monopolista.

O culto da personalidade corresponde pois à concepção idealista da história, decorre da prática social e apresenta-se como traço comum à escravatura, ao feudalismo e ao capitalismo; em sociedade socialista não será mais possível, porque, aparecendo como entrave ao desenvolvimento da sociedade, e entrando em contradição com os seus princípios basilares, está historicamente votado a desaparecer.

AS CONSEQUÊNCIAS DO CULTO DA PERSONALIDADE NO NOSSO PARTIDO

Um atrezo na elevação do nível ideológico e político dos quadros do Partido, e, em consequência, um atrezo na fortificação da sua ligação às massas, são o resultado mais importante do culto da personalidade. É justo e necessário salientar que, desde a sua fundação em 1921, o Partido Comunista Português, no fundamental, educou os seus quadros dentro dos princípios do marxismo-leninismo, e que, no fundamental também, soube conduzir milhares de lutas da classe operária e de todos os trabalhadores do nosso País, pelo pão, pela paz e pela democracia. É justo e necessário salientar que, no fundamental, soube sempre defender uma linha justa, justa demonstrada pela ligação crescente do Partido às massas e pelo aumento do seu prestígio entre todos os portugueses honrados e perante o movimento proletário internacional. É igualmente justo e ainda mais necessário salientar que as deficiências ideológicas e políticas, do topo à base, limitaram, em certa medida, o alcance dos resultados obtidos, que se todos os militantes do Partido tivessem contribuído mais efectivamente para a aplicação e elaboração prática da linha do Partido, grande parte das deficiências poderia ter sido rapidamente corrigida, limitando assim as suas consequências prejudiciais. Para que os erros não fossem duradouros e extensos, era preciso que os princípios do marxismo-leninismo tivessem sido inteiramente respeitados. O culto da personali-

dade é estranho ao Marxismo-Leninismo, nomeadamente, ele elimina a direcção colectiva e corta grande parte do poder criador das massas e dos camaradas de todo o Partido; desta forma, prejudica a elevação do seu nível ideológico e político e a ligação com as massas.

Quando no documento do Comité Central sobre o culto da personalidade se falou da centralização excessiva existente em determinada altura, e se apresentou o Secretariado como objectivo do culto, só se mostrou uma parte da questão. E porquê? Porque no culto da personalidade é ainda a personalidade o que menos interessa, um factor acessório. Esta forma de abordar a questão levou alguns camaradas a pensar que as causas do mal estariam no Secretariado, na Direcção do Partido, no autoritarismo ou na imodestia de certos camaradas de Direcção. Quer dizer, em vez de acção errada de todo o Partido do topo à base pela infracção dos princípios do centralismo democrático, da disciplina partidária, da ligação do Partido às massas e do internacionalismo proletário, em vez dum baixo nível ideológico e político geral, em vez da deseducação provocada pela sociedade capitalista nas massas e também nos quadros do Partido, apareceram com uma importância exagerada o centralismo excessivo e o autoritarismo do Secretariado. Por outro lado, o nosso Partido vive em condições de difícil clandestinidade, a elas também foi atribuído um papel importante, sem se frisar que, sendo muito embora um factor, não era um factor determinante, isto é, o culto da personalidade pode ser eliminado ou pode existir, para além da existência das condições de clandestinidade.

O esclarecimento feito foi deficiente. Não admira pois que certos camaradas, já por si dados a indisciplina ou com tendências oportunistas, encontrem campo para posições quase revisionistas e indisciplinadas.

ELEVAR O NÍVEL IDEOLÓGICO E POLÍTICO DE TODO O PARTIDO, É A TAREFA QUE SE IMPÕE

Para alargar cada vez mais a influência da massas do nosso Partido, para corresponder às necessidades crescentes da luta contra o salazarismo, para intensificar a luta por melhores condições de vida, pela paz e pelas liberdades democráticas, impõe-se elevar o nível ideológico e político de todo o Partido. Para o fazer teremos de, em ligação estreita com as nossas próprias tarefas práticas, estudar os ricos materiais que têm sido publicados pelo nosso Partido. A ligação harmoniosa do estudo à prática será o caminho a trilhar, e só a aplicação diária dos princípios do marxismo-leninismo poderá garanti-la.

Velar em primeiro lugar pela unidade do Partido, rechaçar tudo o que possa ser oportunismo, de esquerda ou de direita, nem criticar por criticar, nem concordar por comodismo, ao contrário, através das células e que cada camarada pertença, tomar parte activa na aplicação e elaboração da linha do Partido, aí velar para que sejam aplicados os princípios de direcção colectiva e do centralismo democrático.

O V Congresso do nosso Partido, realizado no ano passado, foi mais uma grande vitória; dele saíram materiais preciosos, nomeadamente o Programa e os Estatutos, além das resoluções de grande importância para a vida interna e externa do Partido. Urge levá-los à prática, seguindo o exemplo do nosso Comité Central que vem corrigindo deficiências, tendo conseguido, num curto prazo, restabelecer as normas essenciais de trabalho da direcção colectiva, dando grandes passos para que os princípios do marxismo-leninismo sejam a prática diária de todo o Partido.

Desta forma reforçar-se-á a ligação do Partido às massas, e em primeiro lugar à classe operária, poder-se-á conduzir cada vez maior número de lutas contra o regime de Salazar, apressar a sua queda, e também, apressar a implantação em Portugal dum regime socialista de democracia popular.

Desta forma também, poder-se-á eliminar para sempre o culto da personalidade.



AS COMISSÕES DE UNIDADE E A LUTA DOS TRABALHADORES

Por JOEL

A pesar de muito se ter dito já sobre este assunto a verdade é que alguns camaradas ainda não ligam às Comissões de Unidade toda a importância que elas têm para o desencadeamento e desenvolvimento da luta por melhores salários, por melhores condições de vida e de trabalho na empresa, na oficina, na escola, vila, em todos os locais onde as massas estão.

Alguns camaradas há que quando se fala de Comissões de Unidade pensam que se trata de Comissões para estabelecer a unidade entre os comunistas. A unidade entre os comunistas estabelece-se dentro do Partido, no organismo a que cada camarada pertence.

A unidade de que se trata quando se fala de Comissões de unidade é a unidade entre os trabalhadores que são atingidos pela mesma exploração, que vivem nas mesmas condições de vida miseráveis; é uma unidade ampla que engloba comunistas e não comunistas, sem partido ou doutros partidos, religiosos ou não. E por isso as Comissões de Unidade devem ser o mais amplas possível, contendo no seu seio gente trabalhadora, homens e mulheres, das mais variadas opiniões e credos desde que estejam todos dispostos a lutar pelo mesmo objectivo. Este objectivo pode ser melhores salários, melhores horários, uma creche junto à fábrica, o pagamento das horas extraordinárias com os 50% da lei ou qualquer outro ainda.

O facto de todos os trabalhadores viverem nas mesmas condições de exploração naturalmente que não quer dizer que estejam todos dispostos a participar com a mesma vontade e decisão na luta. Não. Alguns desses homens e mulheres não confiam no bom resultado da luta e por isso acham que não vale a pena lutar. Mas porque sucede isto? Porque tais homens e mulheres ainda não têm uma consciência política e de classe desenvolvida, ainda não viveram a experiência de outras lutas ou não souberam tirar dessa experiência todos os ensinamentos que ela encerra.

Porém este facto não deve de maneira nenhuma levar os nossos camaradas a desanimarem, a deslisterem de lhes falar sobre o melhor caminho a seguir para pôr fim à exploração e muito menos a dizerem que não é possível que tais homens e mulheres venham a participar na luta por melhores condições de vida.

Podem estar certos esses camaradas que por um trabalho continuado, dia a dia, paciente, hora a hora, tais pessoas a quem a luta hoje pode amedrontar ou não parecer o caminho mais indicado, amanhã mudarão de ideias e virão à luta.

Não esqueçamos que nós comunistas somos a parte do povo trabalhador que tem uma consciência política e de classe mais desenvolvida. Logo não é de admirar que os outros trabalhadores possam ter ideias menos claras, pontos de vista errados e até anti-classe, isto é contra a classe.

Mas, por outro lado, a verdade é que se os nossos camaradas não os abordam, não lhes falam procurando fazer-lhes ver onde está o caminho de interesse para todos — o caminho da luta — a verdade é que esses pontos de vista errados, essas ideias menos justas que esses trabalhadores possam ter ainda vão crescendo mais. E quem aproveita com isto? O capitalismo e o seu governo, isto é, o governo de Salazar.

Se pelo contrário os nossos camaradas fazem junto desses trabalhadores um trabalho paciente de esclarecimento e explicação então, mais hoje mais amanhã, tais homens e mulheres não se recusarão a participar na luta, nas Comissões de Unidade ou noutras formas de organização. Mais, muitos desses

homens e mulheres se revelarão como abnegados defensores dos interesses dos trabalhadores e até alguns como bons dirigentes da luta. Mas para os descobrir é preciso não cessar de ir às primeiras.

AS MASSAS DEFENDEM OS SEUS DEFENSORES

Ao contrário do que certos camaradas pensam este trabalho de esclarecimento paciente junto dos outros trabalhadores não os «quisima» de maneira nenhuma. Para falar com um companheiro de trabalho sobre os problemas da empresa, do campo, da profissão, os comunistas, operários, camponeses, empregados ou intelectuais, não precisam de falar no Partido nem sequer em política, mas apenas nos problemas que a todos afligem e preocupam de igual forma, ajudando os outros a compreenderem que o caminho que convém a todos é o da luta unida e firme pela solução desses problemas.

O que acontece na realidade é que, por vezes, os nossos camaradas actuam isoladamente. Ora isto, sim, isto é que pode chamar sobre eles a atenção dos butos ou agentes da PIDE que hoje existem em quase todas as empresas.

Quando afinal, nada de mais honroso nem de menos perigoso do que o facto das massas os conhecerem como seus defensores, pois as massas podem pela sua acção, como já o têm feito impedir a sua prisão. E, mesmo que venham a ser atingidos pela repressão policial, as massas, como a experiência o tem demonstrado, dispõem-se a lutar pela sua libertação e prestam-lhe toda a solidariedade fraterna.

O que é perigoso, sim, e não pouco, é que os nossos camaradas na empresa, na escola, na rua, na taberna, no café, na oficina só conversam uns com os outros, apareçam sempre em grupinho e sejam sempre os mesmos que isoladamente tomam a defesa dos interesses dos trabalhadores.

COMO NOS LIGAMOS ÀS MASSAS

Tudo isto que não é mais do que consequência de um tipo de trabalho sectário, exige que cada um de nós trave dentro de si próprio, em primeiro lugar e depois junto dos outros uma séria luta para arrancarmos com decisão tais ideias estreitas e tacanhas, que tanto prejuízo causaram e causam ao Partido e ao povo, pois entravam o crescimento da luta.

Educados nesse espírito sectário, alguns camaradas hesitam a ligar-se aos trabalhadores católicos, a unirem-se a eles em Comissões de Unidade, Sindicais e outras, como se isso os «desprestigiasse» entre os operários mais combativos. Mas isto só se daria se os nossos camaradas não explicassem primeiro aqueles cuja crítica receiam, a justeza da orientação de unidade ampla com católicos ou não. E não é verdade que o nosso Partido afinal sempre defendeu publicamente tal orientação? *«A grande massa dos católicos está interessada em alinhar ao lado das forças democráticas e progressistas, para defender os seus interesses próprios e também por serem fortes os laços que os prendem aos interesses nacionais.»* E dito no programa do nosso Partido, pag. 5.

Temos de nós habituarmos a ouvir as massas, a ter em conta a sua vontade e disposição de luta, não para irmos a reboque delas mas para marcharmos à sua frente em defesa dos seus interesses. E isso não é possível se continuarmos a saltar por cima delas, a quereremos impor as nossas ideias sem ter em

conta as realidades.

Um exemplo: ainda recentemente, numa empresa os camaradas da empresa, ou melhor dito, o camarada controlador dessa empresa, elaborou uma exposição para aumento de salários, sem ter em conta o estado de espírito dos trabalhadores da empresa, sem procurar saber o aumento que eles desejariam pedir, e o que é mais grave, sem ouvir convenientemente os próprios camaradas da empresa. É claro que não se conseguiu recolher nem uma só assinatura para tal exposição. Tal método de trabalho revela não só substituição das massas, como da própria organização. Dir-se-ia que o dono e senhor da organização partidária da empresa era o camarada controlador e não os camaradas todos que a compõem, como na realidade deve ser.

Ora isto é estranho à democracia interna do Partido e aos princípios leninistas que não podemos esquecer na realidade do trabalho, dia a dia.

Davemos fazer sempre tudo para que sejam os trabalhadores da empresa a indicar os seus companheiros que querem ver na Comissão de Unidade e submetermo-nos à vontade das massas, mesmo que entre os indicados não esteja nenhum camarada. Se isso se der é porque o trabalho dos nossos camaradas, nessa empresa, não foi um trabalho de massas e então é em nós, nos nossos erros, que devemos procurar as causas de tal anormalidade e não na falta de sensibilidade política das massas trabalhadoras. Porque estas, não há dúvida, reconhecem e desejam ver à frente da luta os que mais se destacarem na defesa dos seus interesses.

Uma coisa porém é certa: é que quanto mais amplas foram as Comissões de Unidade, quantos mais homens e mulheres nela participarem de diferentes crenças e ideias, melhores con-

dições há para desenvolver a luta pelas reivindicações de todos os operários de determinada empresa.

Elas podem até não se chamar Comissões de Unidade. O nome pouco importa. O que interessa é que elas sejam de facto de unidade. E para isto tem que ser constituídas de tal forma que os trabalhadores sintam todos que estão nelas representados, pois só assim eles estarão dispostos a apoiar tal Comissão nas diferentes fases da luta.

Mas as massas não estão apenas na empresa. Elas estão nos Sindicatos, nas Casas do Povo, nas colectividades, nos clubes desportivos e recreativos, nas diferentes associações de classe, culturais, etc. Aqui também devemos fazer tudo, sempre em estreita ligação com os outros homens e mulheres das ideias e crenças mais variadas, para que o Sindicato, a Casa do Povo, a Associação, o Clube, etc., sirvam da melhor maneira os interesses dos que em tais organismos estão ligados.

Por isso as Comissões de Unidade não se formam apenas na empresa. Pode-se formar uma Comissão de Unidade Sindical, uma Comissão de Unidade de Praça ou de Jorna, (no campo), uma Comissão da Unidade dos habitantes de determinada rua, vila ou aldeia para lutar por determinada reivindicação comum a todos, etc.

E é da multiplicação por toda a parte das Comissões de Unidade mais variadas e da mais variada natureza que depende que cresça e se alargue a luta do povo trabalhador pelo pão, pela paz, pela cultura, pela liberdade.

Assim se criarão condições para o desencadeamento das manifestações, concentrações e greves económicas e políticas que a culminarem numa greve geral política podem conduzir à solução pacífica do problema político português, isto é, à conquista pacífica da democracia para o nosso povo.

ALGUMAS NOTAS SOBRE PROBLEMAS CONSPIRATIVOS E DE DEFESA DO PARTIDO

Por AMILCAR

«Defrontamos um inimigo cuja base social se reduz efectivamente duma forma progressiva e que, por isso mesmo, assenta cada vez mais a sua precária existência no terrorismo e na violência contra as forças democráticas mais combativas». (Informe ao V Congresso «Sobre os problemas de organização e os Estatutos do Partido», pag. 50).

Isto corresponde inteiramente à realidade. É sobre o Partido Comunista, entretanto, que cai o maior peso da repressão. No momento presente, a camarilha salazarista lançou todas as suas forças contra o Partido Comunista visando atingi-lo em todos os seus sectores, mas muito particularmente na sua Direcção.

O governo fascista de Salazar procura por todos os meios impedir que os democratas e anti-salazaristas cheguem a acordo sobre a escolha de um candidato democrático às próximas eleições presidenciais e para a participação de todos na luta eleitoral até à boca das urnas.

O director da PIDE, capitão Graça, disse a um conhecido fascista que a Oposição estava dividida e que, por isso, não valia nada. Que, claro, eles fascistas, faziam tudo para impedir a união dos oposicionistas, porque, dizia, seria o diabo, seria o diabo se a oposição se unisse, pois, nunca o regime lutou com tanta dificuldade.

É natural que o governo fascista de Salazar lance todo o peso da repressão sobre aquela força política que mais luta pela realização da unidade de todas as forças democráticas e anti-salazaristas, porque sabe que quando essa unidade se realizar começará a apressar-se o seu fim.

Assim, o inimigo directo, a PIDE e muitos elementos da GNR, PSP, Legião Portuguesa, e toda a numerosa legião de

búfios da PIDE, espreguiça os nossos descuidados, as nossas asneiras, as nossas levandades, a nossa mais pequena falta de atenção para atingir o Partido. Em primeiro lugar, a PIDE procura atingir os quadros dirigentes do Partido procurando ter uma noção exacta do que eles representam para a condução da luta contra o salazarismo e pela democracia.

Com a mesma perseverança e energia com que o clerical Salazar e a sua odiosa policia politica procuram deitar a mão a esses quadros, com a mesma perseverança devem todos os membros do Partido actuar para se defenderem, ajudando ao mesmo tempo os quadros dirigentes do Partido a defenderem-se.

«Uma das características da repressão policial neste momento é não dar grandes golpes na organização de base do Partido, mas colher e aproveitar todos os elementos que a possam levar até aos seus quadros dirigentes». (Informe citado, pag. 30-31).

Sendo isto verdadeiro, escusado seria dizer que todos os cuidados e atenções serão poucos para cada militante se furtar à vigilância policial e dos búfios, mas, para isso mesmo, sem nunca deixar de actuar junto das massas pela defesa dos seus interesses.

Neste sentido, todo o membro do Partido deve ser cauteloso, hábil e usar mesmo da astúcia. Nunca, um membro do Partido Comunista deve dar a conhecer a qualquer pessoa que não seja indicado pelo Partido a sua qualidade de comunista. Por outro lado, a linguagem de um militante junto dos seus companheiros do trabalho deve ser de tal forma natural que ninguém o possa localizar como comunista, mas apenas como um trabalhador honrado, solidário, bom, que não trema diante dos patrões e dos encarregados, sempre correcto, mas firme.

Poder-se-á perguntar: Mas se nunca e a ninguém devo dar

a conhecer a minha qualidade de comunista, como dar o «Avante!» aos operários honrados e recrutar os melhores combatentes da minha empresa, escola, escritório, herdade, localidade, etc., para o Partido? O nosso povo costuma dizer que «há muita maneira de matar pulgas». Esta dita popular aplica-se ao caso perfeitamente. Pensando, procurando, dando voltas à cabeça, todos nós seremos capazes de descobrir muitas formas seguras de fazer chegar o «Avante!» e outra imprensa do Partido aos trabalhadores, intelectuais e estudantes, homens e mulheres, em que se tenha mais confiança e, até a outros, e conhecer depois qual o efeito causado. Quanto ao recrutamento de novos membros, uma vez chegada a altura de o fazer, claro está que chegou também a altura de termos a conhecer a nossa qualidade de comunista.

Um outro princípio de defesa do Partido e dos militantes consiste em cada um se preocupar apenas, e só apenas, em conhecer o seu próprio trabalho e apenas os camaradas com quem precisa da trabalhar para a realização das tarefas. A preocupação de se conhecerem outros camaradas e outros aspectos do trabalho de que se não necessita para a realização das tarefas que nos foram distribuídas é altamente prejudicial ao Partido e também aos militantes e, como tal, deve ser combatida com toda a energia e com quaisquer contemplos.

A pontualidade rigorosa, a certeza de se chegar ao local de encontro sem que nenhum policial, homem ou mulher, o tenha notado, a realização dos encontros em locais apropriados, é uma outra forma de defender o trabalho do Partido e os militantes e de realizar melhor as nossas tarefas.

Por vezes, torna-se difícil, ou antes, é sempre difícil nas condições de clandestinidade encontrar os melhores e mais aconselháveis locais para realizarmos as reuniões dos organismos a que pertencemos e também de descobrir outras formas seguras de realizarmos todo o trabalho partidário. Para resolver estas dificuldades nada melhor do que pôr o colectivo a pensar, a discutir e a resolver. Na primeira reunião poderão apenas aparecer perspectivas, ou não aparecer mesmo solução nenhuma, mas na segunda ou terceira as perspectivas transformar-se-ão em coisas concretas, os locais mais apropriados para realizar as reuniões e as novas formas de defesa e de acção aparecerão, estamos disso certos. O essencial é que sejamos todos a contribuir para isso.

Qualquer apontamento que tenhamos em nosso poder deve estar feito de tal forma que haja a certeza que em caso de sermos presos ninguém correrá o perigo de ser também preso por causa desses apontamentos — deve ter-se a certeza de que a polícia não compreenderá nada, não levará nada. Entretanto, estas coisas o melhor é ainda metê-las na cabeça, porque na cabeça a polícia não pode ler e se a língua não se mexer tudo estará segura — a polícia não levará nada que possa atingir segredos.

Não terão alguns camaradas em suas casas, talvez mesmo

mal escondidos, apontamentos inconvenientes? Vamos ver se assim é, e se houver alguns locais a destruí-los ou a prepará-los de forma segura. De acordo? Por vezes dois-nos o coração quando temos de destruir certos documentos e apontamentos, mas, camaradas, a segurança a isso nos obriga.

Há camaradas que têm o mau costume de procurar o convívio de outros camaradas que já conhecem tornando-se assim conhecidos, uns e outros, de gregos e troianos. Mas, o pior ainda, é que, por vezes, apontam-se ou apresentam-se mutuamente aos, digamos, seus «amigalhões», amigalhões que são também comunistas ou simpatizantes, claro está. Isto é grandemente prejudicial, representa mesmo um flagrante desrespeito pelas normas conspirativas do Partido, põe em perigo a segurança dos camaradas em causa e também a segurança de outros camaradas com quem tenham de contactar, pois a polícia pode servir-se deles como «isca» para apanhar aqueles que mais lhe interessa — os mais responsáveis. Não será assim, camaradas?

Como todos devemos saber, o relaxamento e a falta de respeito pelas normas conspirativas do Partido são inadmissíveis. Os erros e as deficiências cometidos durante a realização das nossas tarefas são uma coisa, porquanto só não erra quem não trabalha. Esses erros e deficiências devem ser sempre analisados pelo colectivo e rectificados rapidamente como indicam os princípios do nosso Partido. Agora o relaxamento, o desrespeito pelo cumprimento das normas conspirativas, a indisciplina, portanto, são inadmissíveis nas condições de clandestinidade em que somos obrigados a trabalhar e, como tais, devem ser combatidas por todos os militantes e organismos do Partido e não apenas por estes ou aqueles camaradas ou organismos do Partido. As organizações do Partido onde esses factos se verifiquem, cabe analisar a situação e aplicar as medidas mais aconselháveis para defesa dos militantes e das organizações do Partido, orientando-se sempre pelo preceituado nos Estatutos do Partido.

Todos os organismos do Partido, dos mais responsáveis aos menos responsáveis devem preocupar-se com a defesa dos seus membros e das organizações e militantes compreendidos no seu respectivo raio de acção. Fazendo-o defendem o Partido e o trabalho do Partido dos assaltos cada vez mais ferozes do bando da FIDE e das outras forças repressivas.

A defesa dos comunistas não está em estes se isolarem em grupinhos, em andarem sempre juntos. Ao contrário, a defesa está em se acabar com tal conceito fechado e perigoso e cada um dos comunistas portugueses procurar conviver com os seus companheiros de trabalho e de estudo. O isolamento é o desamparo. Junto das massas, actuando sempre junto delas, vivendo, sofrendo e regozijando-se com elas, despertando-as para a acção e a vigilância, aprendendo e ensinando, nós sentiremos mais seguros e mais fortes porque as massas são a força poderosa que vence todas as dificuldades.

AINDA SOBRE O PARTIDO E AS FORÇAS ARMADAS

Por OSCAR

O artigo publicado no *Militante* n.º 94 sobre «O Partido e as Forças Armadas» veio muito útilmente chamar a atenção de todo o Partido para este sector onde a nossa influência e organização continua a ser bastante débil, apesar da sua grande importância e das possibilidades de luta existentes.

Alguns factores dessa debilidade queremos apontar aqui, ainda que resumidamente, para podermos tirar algumas conclusões práticas imediatas.

Uma das causas da nossa debilidade no sector das forças armadas deve encontrar-se no sectarismo que se desenvolveu no nosso Partido durante anos. O sectarismo, afastando-nos das massas, em geral, afastou-nos também das massas feridas, porque de verdadeiras massas de dezenas de milhares de homens se trata. Além disso, porque o fascis-

mo procura desde sempre fazer das forças armadas instrumentos de repressão sobre o nosso povo, o nosso sectarismo conduziu-nos naturalmente a identificar as forças armadas com o regime, a ver os militares mais como nossos inimigos, ou possíveis inimigos, do que como portugueses que sofrem igualmente a opressão e exploração fascista, o domínio dos imperialistas e militaristas estrangeiros, susceptíveis por isso de vir à luta contra o sectarismo ao lado de todo o povo.

Um outro factor é sem dúvida a política de segregação do resto da população em que o fascismo se empenha, procurando divorciar as forças armadas da Nação. Além disso, procura criar uma mentalidade de casta militar e submeter soldados e oficiais a uma constante doutrinação política e ideológica que assume intensidade e expressões verdadei-

ramente incríveis.

Não podemos também ignorar o regime de vigilância policial, terror e brutal disciplina que o salazarismo tem feito reinar dentro das forças armadas. A violência repressiva e a interferência do aparelho policial danço das forças armadas tem-se acentuado desde a guerra para cá, pois o ascenso das lutas do nosso povo tem vibrado fortes abalos a esse esteio do regime, o que é motivo de justificadas apreensões por parte das camarilhas salazaristas.

O TRABALHO MILITAR É UMA TAREFA DE TODO O PARTIDO

«Não são militantes responsabilizados pela tarefa militar que, por si sós, poderão construir uma organização militar. Isso só se poderá fazer com o auxílio das organizações do nosso Partido» (Informe de Organização ao V Congresso, pag. 45). Para neutralizar a política de segregação do fascismo, para vencer as grandes dificuldades próprias do trabalho partidário nesta sector, para estabelecer múltiplos, amplos e sólidos laços fraternais entre as classes trabalhadoras e os filhos do povo fardados — o esforço dos camaradas directamente responsabilizados pelas organizações militares não basta. Torna-se necessário que todo o Partido, todas as organizações e militantes, se esforcem igualmente por vencer o isolamento em que se encontram as forças armadas no seio da população. Que fazer para conseguir isto?

Em 1.º lugar, todos os militantes se devem esforçar por estabelecer e cultivar relações de amizade e convívio com os seus parentes, amigos, conhecidos, vizinhos, etc., que sejam militares de carreira ou se encontrem prestando serviço militar. Quantos membros do Partido não conhecem militantes? As organizações do Partido devem investigar e discutir com todos os militantes esta tarefa e realizar o seu controle.

Em 2.º lugar, as organizações locais do Partido nas terras onde existem unidades militares devem tomar medidas para chamar ao convívio popular os soldados e marinheiros, através das mais variadas formas: festas, ballaricos, colectividades populares, etc..

Em 3.º lugar, as organizações e membros do Partido devem tomar a responsabilidade da ligação rápida de todos os militantes e simpatizantes que vão prestar serviço militar, bem como fornecer indicações sobre todos os democratas e homens sérios que vão para a tropa. É de notar que muitos jovens progressivos têm vindo ao Partido na tropa, indo depois fortalecer as organizações das suas terras.

Em 4.º lugar, devem tomar-se medidas práticas e eficazes para levar até às forças armadas e difundir no seu seio a imprensa do nosso Partido e as notícias de situação e lutas do nosso povo. É muito significativo o facto de nos contactos com os nossos camaradas militares a sua primeira pergunta ser geralmente esta: «Então, novidades?». Os nossos camaradas ligados ao trabalho militar devem ter a preocupação de levar sempre novidades para dar: notícias de lutas por aumentos de salários, pela amnistia, sobre a unidade anti-salazarista, a situação internacional, etc.. Devem estudar-se cuidadosamente e levar à prática acções de agitação e de esclarecimento entre as forças armadas em todas as localidades onde existem unidades militares, e junto das praças da GNR, mostrando-lhes o carácter odioso da repressão a que se dedicam sob a instigação dos seus comandantes, a soldo dos grandes monopólios e agrários. Temos de pensar seriamente o levar à prática a elaboração de folhas volantes locais especialmente dedicados às forças armadas (a um quartel, a um navio, a um campo de aviação, etc.).

Em 5.º lugar, devemos difundir e popularizar em todo o Partido e entre o nosso povo as notícias da situação e das lutas e acções dos soldados, marinheiros e oficiais. Os artigos publicados nos *Avante!* nºs 222, 221, 205, 203, e muitos outros sobre as manobras de S. Margerida, a revolta dos soldados da Penamacor, as manifestações de protesto contra a ida para a Índia, etc., dão a conhecer exem-

plos brilhantes de luta que devem ser escarinhados e popularizados.

O esforço de todo o Partido para vencer o isolamento a que o fascismo quer condenar as forças armadas dará um impulso poderoso ao desenvolvimento e consolidação da organização militar partidária.

AS FORÇAS ARMADAS E A SOLUÇÃO PACÍFICA DO PROBLEMA POLÍTICO PORTUGUÊS

Tudo nos indica claramente que se avizinha um novo e poderoso ascenso das lutas da classe operária. Interessa pois relembrar que, ao fazer-se o balanço das grandes jornadas de Julho-Agosto de 1943, no capítulo sobre «A Frente Única Operária» do Informe da Organização ao III Congresso, se salientou que «só não foi possível evitar, na maioria dos casos, a repressão violenta das massas trabalhadoras, em razão da extrema debilidade da nossa organização nas forças armadas». Quando todo o nosso Partido se empenha na preparação cuidadosa das nossas forças para as próximas grandes batalhas que se anunciem, importa não esquecer o dedicar boa atenção a este importante sector que são as forças armadas, as quais o fascismo procurará lançar contra o nosso povo e nós temos de saber alirar para o nosso lado.

A discussão e análise das modificações operadas na situação política nacional e internacional feitas no V Congresso do Partido e em várias reuniões do Comité Central vieram iluminar a possibilidade de conseguir uma saída pacífica para o problema político português. Trata-se de uma perspectiva nova e exaltante que a evolução dos acontecimentos internos e externos, favorável às forças democráticas, veio rasgar ao nosso povo. É porém necessário ter muito em conta que a solução pacífica não depende exclusivamente de nós, comunistas, e sobretudo que ela não se conseguirá apenas com o facto de nós a desejarmos, isto é que ela não virá por si só, sem que nós trabalhemos, e muito, para a conseguir.

A solução pacífica do problema político português depende, entre outros factores, da resistência que vier a opôr o núcleo mais reaccionário do regime, dos trunfos e armas de que conseguir dispor, entre os quais avulta o das forças armadas e repressivas. Se o salazarismo conseguir alirar as forças armadas e repressivas sobre o nosso povo, o povo terá de responder à violência com a violência. E não podemos ter dúvidas de que a camarilha sem escrúpulos que detém o poder não hesitará em usar dessa arma para sobreviver. Tudo depende, portanto, neste aspecto, de o fascismo poder contar com as forças armadas, da disposição destas para servirem ou se recusarem a esse infame papel.

Não há dúvidas de que o ascenso das lutas populares, o aparecimento e acção de uma ampla frente nacional anti-salazarista, o isolamento crescente do núcleo mais reaccionário do regime e a evolução favorável da situação internacional, irão inevitavelmente exercer uma grande influência nas forças armadas e repressivas, abalando seriamente esse esteio de Salazar, atraindo parte delas ao povo, neutralizando outra parte, retirando confiança aos restantes elementos. Mas seria seguidismo de tremendas consequências pensar que este processo se desenvolverá por si só, sem que nele intervenhamos directamente com todo o peso da nossa força.

Se para uma saída insurreccional, para o derrubamento violento do regime, as forças armadas tinham uma grande importância, para uma solução pacífica elas possuem uma importância ainda maior. Por isso, a atenção que todo o Partido dedica às forças armadas e o progresso do nosso trabalho partidário dentro delas é uma condição importantíssima para conseguirmos uma saída pacífica para o problema político nacional. Este é mais uma razão, e de grande peso, para que todo o Partido sinta como tarefa sua a atração das forças armadas para o lado da democracia, para que todo o militante dê a sua valiosa e imprescindível ajuda ao trabalho das nossas organizações militares.



COM INICIATIVAS E EM LIGAÇÃO COM AS MASSAS OS FUNDOS AUMENTARÃO

Por BORGES

Sobre a recolha de fundos, o nosso Partido, tem no seu activo exemplos riquíssimos, que mostram duma maneira clara a disposição dos trabalhadores e anti-fascistas, em ajudar o Partido financeiramente. Entre os muitos exemplos, que as massas e os anti-fascistas nos têm dado e dão diariamente, queremos lembrar o êxito da campanha dos 500 contos. E queremos lembrar, porque ela deve ser um estímulo e um incentivo para todos os camaradas se lançarem com entusiasmo na campanha para a recolha dos 1.000 contos lançada pelo Partido.

No entanto, e apesar das nossas necessidades materiais e das possibilidades existentes para as satisfazer há organismos e camaradas que subestimam a importância dos fundos e as condições que existem à sua volta, e por isso não dão aquela contribuição que podiam e deviam dar. Estas incompreensões não residem somente nos organismos e camaradas da base, residem também, nos organismos e camaradas de escalões superiores que, nos seus sectores de actividade, não tomam medidas praticas para que as organizações aumentem as suas receitas. Mas para liquidar essas incompreensões e dar uma ideia o mais exacta possível da importância dos fundos aos nossos camaradas e organizações, é preciso abordar este problema no plano e discussão politica. É preciso dizer-lhes e demonstrar-lhes, que muitas e importantes tarefas correm o risco de não melhorarem ou não se realizarem, comprometendo desse modo a actividade diaria do Partido. O que certamente nenhum camarada deseja.

Naturalmente, que as discussões não resolvem só por si o problema dos fundos, mas são elas que conduzem as organizações e os camaradas a encontrarem as formas praticas da realização das mais variadas iniciativas, de que o bom controle de execução assegurará a continuidade.

Em certa localidade depois de algumas discussões, a organização do Partido lançou uma iniciativa que deu optimos resultados, pois houve um camarada que angariou cerca de 400 escudos, um outro 200\$00 e ainda outro 100\$00. Numa empresa os camaradas conseguiram arranjar mais de mil escudos, havendo operários que contribuíram com 200\$00 e 500 escudos, e um com 100\$00. Numa reunião de quadros, quando se discutiu os fundos, verificou-se que os camaradas só pagavam de cotização 4\$00 por mês, e todos elevaram a sua cotização para 10-00 escudos. Num outro sector, a organização lançou uma iniciativa que rendeu cerca de 3 mil escudos.

Entretanto, occorre-nos perguntar: qual a origem dos êxitos destes camaradas? Será porque os operários das suas empresas, ou os anti-fascistas da sua localidade ou bairro, sejam diferentes dos operários e anti-fascistas, das empresas, localidades ou bairros onde trabalham e habitam aqueles camaradas que, estão sempre a dizer que não há possibilidades de fomentar iniciativas? Não, não são diferentes.

Qual então a origem desses êxitos? Parece-nos que a resposta é esta:

- 1.º A origem do êxito desses camaradas, reside fundamentalmente na discussão politica feita com eles, sobre a importância dos fundos.
- 2.º O êxito dos camaradas reside na sua ligação com as massas, na confiança que depositam nas massas.
- 3.º O seu êxito reside na amizade e dedicação ao seu Partido.

Evidentemente, a par dos exemplos positivos atrás mencionados, há outros negativos.

Numa importante empresa, onde temos dezenas de camaradas incluindo militantes e simpatizantes só cerca de 6 é que pagavam cotização. Noutras empresas dum outro sector, uns meses vêm cotizando outros não, o que quer dizer, que o seu pagamento segue um critério e uma vontade pessoal. O pagamento da imprensa, também acusa muitas deficiências. O que nos revelam estes factos?

Revelam-nos, em primeiro lugar, que estes camaradas, não estão a ligar a devida importância a uma das condições para se ser membro do Partido, que é o pagamento regular da cotização. Revelam-nos, em segundo lugar, que alguns camaradas, não estão educando os militantes em questões de princípio, o que pode acarretar, e acarreta, prejuizos. Por vezes, e para justificar o facto de alguns camaradas não pagarem a sua cotização, esses camaradas dizem:

«Os camaradas da minha empresa, não pagam cotização porque ganham pouco»

É verdade que os salários são baixíssimos, e que isto tem a sua influência. Mas também é verdade que esses camaradas agarram-se ao aspecto secundário da questão, e não olham para o fundamental, para aquilo que, na realidade, está na origem dessas anomalias na vida do Partido e que se chama: ausência de discussão colectiva e falta de controle. É nisto que todos os camaradas devem atentar para mudar radicalmente esta situação e outras semelhantes.

Há também, dizem os camaradas, e isso é verdade, outros membros do Partido que embora em número reduzido, resistem ao pagamento, e não pagam mesmo, a cotização, assim como a imprensa. Mas não é por ganharem pouco ou muito, é sim, por falta de dedicação ao Partido. A esses camaradas as coisas têm que se colocar duma maneira diferente. E porquê?

Porque não pode haver obrigatoriedade do pagamento da cotização para uns, e isenção para outros. Sendo assim, têm que se tomar as medidas correspondentes que façam cumprir o Artigo 2.º dos Estatutos que estabelece a obrigatoriedade para todos os membros do Partido do pagamento regular da cotização.

Agora analisemos outros casos:

Num sector, discutiu-se a necessidade de se fazer algumas abordagens assim como, criar-se grupos de contribuintes amigos do «Avante!».

Resposta pronta dos camaradas: **«Nós não temos possibilidades porque a terra é pobre e aqueles que têm dinheiro não querem dar».**

Pois bem, nesse mesmo sector, um camarada abordou um simpatizante que, além de dar logo uma certa importância declarou: **«Parece impossível não me terem procurado durante tanto tempo. E depois acrescentou: ao menos que viessem por dinheiro até porque não sou só eu que está disposto a auxiliar o Partido financeiramente. Tenho amigos com a mesma disposição».** E assim mais uma vez chegamos à seguinte conclusão: Enquanto pessoas sérias e anti-fascistas andam à procura do Partido, para o auxiliar há camaradas que fazem ao contrário, isto é, em lugar de procurarem essas pessoas e de lhes mostrarem o Partido escondem-se delas, escondendo assim também o Partido. Continuando: numa certa localidade, os camaradas diziam haver muitas dificuldades em encontrarem homens sérios dispostos a auxiliarem o Partido. Mas, caso curioso, um outro camarada abordou um anti-fascista sério dessa localidade e fez-lhe um apelo. Esse homem deu 500 escudos, depois começaram a conversar e o nosso camarada contou-lhe o que era a nossa luta, o que era o Partido, as torturas que a Pide de Salazar faz aos presos politicos, etc. O homem com as lágrimas nos olhos deu mais 500 escudos.

Nestas condições podemos dizer abertamente que as dificuldades de alguns camaradas residem no facto de não aprenderem ou não quererem aprender nada com os riquíssimos exemplos positivos que as massas trabalhadoras e anti-fascistas nos dão diariamente.

Em nosso parecer as causas fundamentais das deficiências atrás apontadas; residem no seguinte: Isolamento dos nossos camaradas e sua falta de confiança nos trabalhadores e anti-fascistas, na sua falta de iniciativa e de audácia.

As causas das referidas deficiências residem também na sua pouca amizade e dedicação ao Partido.

Aqui tendes camaradas, o que me parece ser as causas do mal que está a impedir que as receitas do Partido não aumentem duma maneira decisiva. Será bom, que todos os camaradas se esforcem para cortar essas raízes, e então veremos depois como somos capazes de aumentar e vamos aumentar as receitas do Partido, como a campanha para os 1.000 contos se realizará com sucesso.

Para aumentar as receitas do Partido impõe-se que todas as organizações levem à pratica iniciativas de massas, porque a recolha de fundos é essencialmente uma actividade de massas. Devem todas as organizações criar as suas iniciativas sejam grandes ou pequenas, mas iniciativas regulares e organizadas. Que se façam campanhas de fundos nas empresas, nas localidades, nas regiões, etc., para que a recolha dos 1.000 contos seja realizada o mais rapidamente possível. Que todos os camaradas façam sugestões e um esforço neste sentido, porque os êxitos da nossa actividade dependem dos esforços unidos de todos. Com esses esforços, com iniciativas e em ligação com as massas os fundos aumentarão, o Partido recolherá os 1.000 contos num espaço curto de tempo.